

Missão CELAM

211150 | 05 DE MAIO DE 2022

APARECIDA: 15 anos de forte COMOÇÃO

Aniversário da histórica Conferência
da Igreja Latino-Americana e Caribenha



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO

Mons. Miguel Cabrejos Vidarte, OFM
Presidente

Card. Odilo Pedro Scherer
Primeiro Vice-Presidente

Card. Leopoldo José Brenes
Segundo Vice-Presidente

Mons. Rogelio Cabrera López
*Presidente da Comissão
de Assuntos Econômicos*

Mons. Jorge Eduardo Lozano
Secretário Geral

Direção editorial: José Beltrán,
Óscar Elizalde.

Textos: Rubén Cruz, Ángel Morillo.

Grafismo: Amparo Hernández,
Milton Ruiz, Carolina Henao y
Giovanny Pinzón.

Fotografia: Archivo Vida Nueva,
Archivo CELAM.

Edição: PPC.

Impressão: Jomagar.

Todos os conteúdos são elaborados
pela Vida Nueva e pelo Centro
de Comunicação do CELAM.

Sumario



4 Na capa

A comoção que surgiu
de Aparecida: 15 anos de desafios



10 Atualidade

Sinodalidade com selo
latino-americano e caribenho



12 Dicionário CELAM

Discípulos missionários



13 Queridíssima Amazônia

As crianças do rio Orinoco



14 Rostos e vozes

Ligia Elena Matamoros Bonilla
Dom Adalberto Martínez Flores



16 Os últimos, os primeiros

O cinema ressuscita os mártires da UCA



A atualidade de Aparecida

DOM MIGUEL CABREJOS VIDARTE, OFM, PRESIDENTE DO CELAM

Quinze anos se passaram desde a celebração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no Santuário Nacional de Aparecida, aos pés de Nossa Senhora, Padroeira do Brasil.

Na sua primeira viagem apostólica à América Latina, por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco visitou o Santuário brasileiro e lembrou que, nesses dias, entre 13 e 31 de maio de 2007, pôde verificar “como os bispos sentiram-se encorajados, acompanhados e, em certo sentido, inspirados pelos milhares de peregrinos

que vinham todos os dias entregar suas vidas à Virgem”. A experiência descrita pelo Santo Padre Francisco foi vivida por nós, que tivemos a graça de participar deste importante marco no caminho da Igreja latino-americana e caribenha. “Pode-se dizer – como referiu o Papa – que o Documento de Aparecida nasceu justamente desse tecido entre o trabalho dos Pastores e a fé simples dos peregrinos, sob a proteção materna de **Maria**”. Verdadeiramente “essa Conferência foi e é um grande momento para a Igreja”. É um *kairós*.

Editorial

UMA IGREJA DESINSTALADA

Quinze anos passaram desde que “assumimos o compromisso de uma grande missão em todo o continente” (AP 362). Um compromisso renovado durante a Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e das Caraíbas, cujos desafios consolidam uma Igreja de portas abertas que volta à essência do Evangelho no espírito de Aparecida, com a opção preferencial pelos pobres como roteiro, porque eles estão no e são o coração da Igreja.

Dizer que o Papa que veio do fim do mundo nasceu neste querido santuário brasileiro pode parecer ousado, mas a realidade é que o Documento de Aparecida é uma referência fundamental para a exortação programática *Evangelii Gaudium*. Para além de responder a uma realidade regional, este documento engloba a urgência de uma Igreja que avança, uma chave indiscutível para a Igreja universal.

Em Aparecida, ressoaram, pela boca de **Jorge Mario Bergoglio**, as expressões que hoje são

familiares em todo o mundo: periferias existenciais, auto-referencialidade... Aparecida registou também o termo “discípulo missionário”, o que torna todo o Povo de Deus co-responsável pela proclamação da Boa Nova.

O *Documento Final* foi fruto de outra obsessão de Bergoglio agora na boca de todos: a sinodalidade. Aparecida certificou que uma Igreja em debate e comunhão é possível. E não só possível, mas urgente, na medida em que só através do discernimento partilhado se pode romper com a inércia estabelecida pelas estruturas e tempos, a fim de responder ao vento do Espírito.

A renovação eclesial a que nos sentimos uma vez mais chamados não nasce de um único homem, mas tem uma solidez teológica, pastoral e espiritual comum comprovada. Num novo Pentecostes para o futuro, estamos mais uma vez a optar por uma Igreja desinstalada e empenhada “para que o mundo acredite”. ●

O processo sinodal que vivemos hoje e que, no caso do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celem), representa um compromisso com a implementação dos desafios pastorais que emergiram da Assembleia Eclesial que celebrámos em novembro de 2021, foi alimentado pela experiência da Igreja de Aparecida e seu impulso missionário. Disso não há dúvida!

Ao assumir a opção preferencial pelos pobres e pelos gritos da Mãe Terra, a partir da metodologia ver-julgar-agir, Aparecida está em continuidade com as quatro Conferências Gerais que a antecederam: Rio de Janeiro (1959), Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992).

Hoje, o nosso serviço ao Santo Povo de Deus e a todos os homens e mulheres de boa vontade do continente, confirma-nos a necessidade de ser dis-

cípulos missionários em saída, para levar a Missão Permanente ao novo areópago da nossa história e às fronteiras geográficas e existenciais onde reconhecemos os rostos sofredores de Cristo, e assumimos decisivamente a conversão pastoral integral a partir do nosso encontro com Jesus Cristo. Desta forma, queremos fortalecer a missão, a comunhão eclesial, a colegialidade e a sinodalidade.

Animados e enviados por Jesus Cristo, caminho, verdade e vida (cf. Jo 14,6), sentimo-nos impelidos a assumir o Evangelho com coerência e paixão, encarnando os valores do Reino e construindo comunidades de vida que sejam sinais de contradição e novidade, com profecia e fidelidade ao mandato missionário, para que em Jesus Cristo todos os povos tenham vida, e vida em abundância (cf. Jo 10,10). ●



Santuário de Aparecida, numa imagem captada em 2007, em plena Conferência

A comoção que surgiu de Aparecida: 15 anos de desafios

NO ANIVERSÁRIO DA HISTÓRICA CONFERÊNCIA, OS PARTICIPANTES REAFIRMAM O SEU COMPROMISSO “PARA QUE O MUNDO ACREDITE”

TEXTO: ÁNGEL ALBERTO MORILLO. FOTOS: ROLANDO CALLE, SJ

“Fica com os pobres e humildes, os indígenas e os afro-americanos que nem sempre encontraram espaços para expressar a riqueza da sua cultura e a sabedoria da sua identidade.” Foi assim que o então **Papa Bento XVI** expressou sua oração durante a abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no Santuário de Nossa Senhora da Conceição (Brasil) em 13 de maio de 2007. Passaram-se 15 anos e vale a pena perguntar-se a partir de vários ângulos: O que é Aparecida? Um choque forte? Uma Igreja não adequada para indiferentes? Uma Igreja desinstalada? Um novo Pentecostes para o continente? Um compromisso “para que o mundo acredite”? A Missão Celam buscou respostas com alguns dos seus protagonistas, entre eles o cardeal **Álvaro Leonel Ramazzini**, bispo de Huehuetenango (Guatemala). Como ele explica, em 1992 “havíamos celebrado a IV Conferência em Santo Domingo, havíamos celebrado o Sínodo da América (1997) e parecia que nossas reflexões e compromissos caíram em muitos setores da Igreja

como compromissos que não alcançavam os objetivos propostos”; ao mesmo tempo, “a situação na América Latina e no Caribe apresentava uma série de problemas que punham em questão o modo de viver a fé e conseguir que o compromisso cristão fosse tal que transformasse”. A conclusão lógica foi: “por que não era possível passar de uma prática religiosa muito piedosa para um compromisso que mudasse as estruturas”.

Do Panamá, na diocese de David, província de Chiriquí, o seu titular, o cardeal **José Luis Lacunza**, prefere ser cauteloso antes de dar uma definição, pois acredita que Aparecida “foi tudo isso e muito mais. Como o **Papa Francisco** nos mostrou na *Evangelii Gaudium*, Aparecida forneceu e continua fornecendo material suficiente para a atualização da Igreja, segundo a proposta do Concílio Vaticano II. O fato de o Papa não querer convocar uma nova Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), mas uma Assembleia Eclesial para rever e restaurar Aparecida, explica tudo”. Por sua vez, **Emilio Aranguren**, bispo

de Holguín (Cuba), e **Andrés Stanovnik**, arcebispo de Corrientes (Argentina), concordam que Aparecida “é um novo Pentecostes para o continente”. Para o prelado cubano, atual presidente da Conferência Episcopal de Cuba, trata-se de “um novo Pentecostes do Alasca à Terra do Fogo, de acordo com o Sínodo da América, realizado em dezembro de 1997”, enquanto seu homólogo argentino lembra que no documento final se faz referência “à experiência de Pentecostes pelo menos seis vezes de forma explícita”.

O cardeal **Jorge Mario Bergoglio** foi o coordenador da comissão que redigiu o documento final e se tornaria o sucessor de Bento XVI. A este respeito, Aranguren faz uso de alguns antecedentes: “*Novo Millennio Ineunte* – 6 de janeiro de 2001 – vem a ser (assim eu li) o testamento pastoral de São João Paulo II que, por sua vez, coincidiu no nosso continente com a Exortação pós-sinodal *Ecclesia in America*, que o próprio Papa havia entregado na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, em janeiro de 1999. Nesse espírito, realizou-se em Tuparendá, Paraguai, em 2003, a 29.ª Assembleia Geral de Celam. Foi **Karol Wojtyła** que aprovou a V Conferência Geral e, posteriormente, Bento XVI a ratificou e designou o local e o lema, a que acrescentou o “para que os povos tenham vida Nele”. Por isso, afirma o bispo cubano, Aparecida – sobretudo antes e durante – teve um impacto no cardeal Bergoglio, responsável por servir como “facilitador” para alcançar a tão necessária comunhão-união que ali reinava. Tal como a vivemos foi, em primeiro lugar, um ‘espírito’ que, depois, se concretizou num documento”.

TAREFAS PENDENTES

A América Latina e o Caribe de hoje estão longe de 2007, sem dúvida. As migrações, a violência e a pobreza aumentaram vertiginosamente. Por isso, o cardeal Ramazzini destaca que o maior desafio para a Igreja no continente, de Aparecida ao atual Sínodo da sinodalidade, “é fazer com que esses processos não

CARDEAL RAMAZZINI: “NÓS NOS DECLARAMOS EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO DESDE QUE SURTIU, MAS FOMOS COERENTES COM ESSA DECISÃO?”

sejam apenas conhecidos, mas também assimilados e incorporados nos planos pastorais das dioceses, vicariatos e prelaturas”. E faz um *mea culpa*: “Muitos católicos, 15 anos depois, nem sabem da existência do documento final. Isso é grave e denota a incompetência de nós, pastores, bispos e padres, em sermos os melhores propagandistas do referido documento. O ditado se cumpre: você não ama o que não conhece. Além disso, embora se tenha procurado utilizar um vocabulário simples e bastante compreensível, o documento necessitou de explicações que desenvolvam as suas afirmações”.

O cardeal recorre a vários exemplos: “Nos declaramos em estado permanente de missão desde Aparecida, mas temos sido coerentes com essa decisão? Tenho a impressão de que não.” Em resumo, “espero não estar exagerando, mas em vez de falar de desafios pendentes, que podem ser individualizados para cada circunscrição eclesial no continente e no Caribe, o grande desafio é tornar conhecido, assimilado e incorporado o documento conclusivo de Aparecida, nas ações pastorais de cada Igreja particular. O documento nos apresenta uma série de desafios, é verdade, mas se não os conhecemos, que ações podemos tomar?”

Aranguren apela ao “encontro com Jesus Cristo”, para que este “marque realmente uma identidade naqueles que vivem o processo de iniciação cristã”. Por isso, acrescenta que “a oração, lugar da Palavra de Deus, empenho comunitário na base (família, paróquia, esfera social) deve procurar por todos os meios que a fé e o processo de evangelização não sejam ideológicos”. Nesse sentido, “a Igreja – composta de discípulos missionários – é chamada a oferecer ao mundo a sua própria marca e, portanto, →



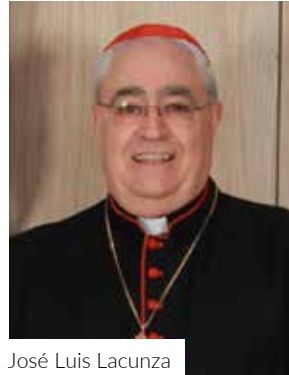
Da esquerda para a direita, a missa de abertura presidida pelo Papa Bento XVI e vários sacerdotes durante uma das Eucaristias



Emilio Aranguren



Harold Segura



José Luis Lacunza



Ignacio Madera

IGNACIO MADERA: “O CLERICALISMO É A MAIOR ROSTO QUE IMPEDIU APARECIDA DE ALCANÇAR ESSA COMOÇÃO E ESSA MISSÃO PERMANENTE”

→ não deve copiar linguagens, metodologias ou estratégias, mas viver e oferecer a vida em Cristo diariamente: seja sal, luz e fermento.” Enquanto isso, o arcebispo de Corrientes sustenta que “todas as mudanças de mentalidade, reformas e reestruturações vêm da base”. Assim, para que “tanto o processo sinodal como a reforma da Cúria realizem um processo transformador, é necessária a formação da mente e do coração, especialmente dos principais animadores da pastoral: sacerdotes e bispos, com capacidade de escuta, de acolhimento e coragem para mudar as estruturas, num discernimento conjunto com leigos e consagrados”.

MOSAICO DE VOZES

160 bispos participaram de Aparecida, enquanto 100 pessoas entre religiosos e religiosas, leigos, leigas e até participantes de outras religiões foram convidados. É o caso do padre **Ignacio Madera**, **Pilar Escudero** e **Luis Jensen** (casal) e do pastor evangélico **Harold Segura**. Algumas vozes, como a da teóloga **Olga Consuelo Vélez**, também refletiram sobre Aparecida.

“SUPERAR O CLERICALISMO”

Nessa época, Madera era presidente da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR). O padre afirma que “a vida religiosa teve um forte desenvolvimento em busca do que Aparecida propôs. Hoje procura responder ao apelo da sinodalidade e ao apelo à escuta como possibilidade de construir um modelo de Igreja circular, como quis propor o Concílio Vaticano II e buscaram as Conferências latino-americanas”. Madera faz um apelo aos párocos:

De Aparecida a ‘Praedicate evangelium’

Andrés Stanovnik assegura que “hoje todos os desafios de Aparecida continuam atuais”, por isso o Papa **Francisco** considerou que não é o momento de convocar uma nova Assembleia de Conferências da América Latina e do Caribe, mas sim uma Assembleia Eclesial que os retome. De fato, “esta Assembleia norteou o seu caminho a partir do lema: Somos todos discípulos missionários em saída, evocando assim o núcleo central que motivou a oração, a reflexão e os compromissos de Aparecida”. Sobre este ponto, o cardeal **Lacunza** disse sem hesitação que “o pontificado de Francisco não pode ser explicado sem Aparecida”,

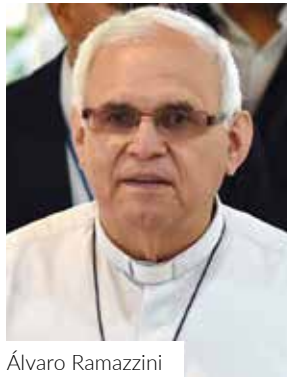
inclusive “*Evangelii gaudium*, o seu documento programático, é uma ‘tradução’ de Aparecida para a linguagem universal”.

Indica também que “todo o clericalismo, tanto entre ministros como entre leigos” deve continuar sendo desmantelado, porque “somos chamados a assumir a missão como algo inerente à nossa identidade batismal, com a plena incorporação dos leigos e leigas na vida e missão da Igreja”, assinala, referindo-se à recém promulgada constituição apostólica *Praedicate evangelium*. De fato, o artigo 10 da reforma diz: “Todo cristão é um discípulo missionário.” Isso é uma referência direta a Aparecida? Stanovnik assim

o considera: “Em grande parte, pode-se dizer que tem inspirações, como o Sínodo sobre a sinodalidade. O ‘caminhar juntos’ das Igrejas particulares da América Latina e do Caribe tem características próprias e continuou ao longo da sua história, mas com um efeito acelerador a partir das Assembleias das Conferências realizadas no continente desde meados do século passado de forma ininterrupta. Por exemplo, essa influência pode ser entendida num dos princípios gerais da referida Constituição, onde se especifica que todos, inclusive leigos e leigas, podem ser nomeados para exercer funções e responsabilidades governamentais na Cúria”. ●



Pilar Escudero y Luis Jensen



Álvaro Ramazzini



Andrés Stanovnik



Olga Consuelo Vélez

superem o clericalismo, porque “é o rosto maior que impediu Aparecida de realizar essa comoção e essa missão permanente”.

“NÃO PODE DESANIMAR”

Escudero e **Jesen** lembram Aparecida enquanto embalam a neta recém-nascida. O casal chileno pertence ao Instituto das Famílias de Schoenstatt: “Na Mensagem Final encontramos um texto que reflete o processo e indica as linhas para o futuro. Não pode desanimar, acreditamos que há esforços feitos. Participamos de seminários, congressos, trocas de testemunhos, experiências pastorais e missionárias. Ainda estamos no caminho, mas os desafios são grandes e também dinâmicos. Em 15 anos, a nossa cultura, ambiente e expectativas mudaram, especialmente as dos jovens”, e “em cada desafio surgem questionamentos e propostas, como vimos no processo da Assembleia Eclesial Latino-Americana. Faz parte do nosso caminho como Igreja com a mão no pulso do tempo e o ouvido no coração de Deus”.

“CONTINUAR PROMOVENDO A MISSÃO”

Para Vélez, Aparecida foi “um esforço valioso para retomar o caminho libertador do magistério latino-americano, iniciado em Medellín e Puebla”. No entanto, ele duvida que seja possível “colocar Aparecida em prática depois de 15 anos”, porque “os documentos eclesiais

são acolhidos ou não e isso não é imposto. Acredito que o clero realmente não aceitou e muitos leigos não sabiam de tal evento, mas acredito que temos de continuar promovendo a dimensão missionária da Igreja, a opção pelos pobres como intrínseca à fé cristológica, o método latino-americano, os rostos que são descritos no documento da religiosidade popular como verdadeira espiritualidade”, indica o teólogo.

“CONTINUA PENDENTE A UNIDADE”

Segura, um batista colombiano baseado na Costa Rica, foi um dos quatro pastores evangélicos convidados. Ele observa que “deve-se levar em conta que, além do contraste entre o que foi prometido e o que foi alcançado, passaram-se 15 anos em que o nosso continente experimentou mudanças muito profundas na sua estrutura social, política, cultural e religiosa. A América Latina e o Caribe não são os mesmos de 2007, e o que dizer depois desses últimos anos de pandemia! De qualquer forma, o desafio da unidade continua pendente, embora tenhamos feito progressos”.

Muitas análises podem ser feitas como forma de balanço e de perspectivas. Aparecida significou a maior contribuição da América Latina e do Caribe num momento em que “a Igreja precisa de um forte choque que a impeça de se acomodar no conforto, na estagnação e na tibieza, à margem do sofrimento dos pobres do continente” (*DAP* 362). ●



Da esquerda para a direita, alguns leigos durante uma das celebrações e várias religiosas no Santuário à espera do papa emérito



Baltazar Enrique Porras Cardozo

CARDEAL ARCEBISPO DE MÉRIDA E
ADMINISTRADOR APOSTÓLICO DE CARACAS

A Conferência que fabricou um Papa

Aparecida foi uma das experiências eclesiais mais densas da Igreja peregrina na América Latina. Foi a quinta conferência geral do episcopado sub-regional após uma longa e extensa preparação prévia. A primeira coisa que gostaria de destacar foi o espírito de fraternidade, serenidade e comunhão em que o evento aconteceu. Aparecida, local de peregrinação nascido e desenvolvido em torno da devoção mariana, é um oásis de paz, com sabor popular, onde tudo gira em torno do santuário. O número de pequenos hotéis familiares, onde os bispos assistentes se hospedavam, permitia o contato direto com as pessoas, especialmente nos finais de semana. As celebrações tiveram um efeito positivo ao conectar as reflexões com a fé das pessoas que sempre nos acompanharam com alegria e esperança. Nós, bispos, não estávamos isolados, mas partilhávamos, quase por osmose, os desejos dos fiéis.

O clima interno, a convivência entre os bispos do continente e os vindos de Roma e de outras instâncias eclesiais de todo o mundo, era de fraternidade e proximidade. A tecnologia ajudou muito, interligando todos os grupos “ao vivo”. Saímos de cada reunião com os rascunhos prontos, sem interferência ou censura. Uma das instâncias mais importantes de eventos dessa natureza foi a eleição da comissão de redação do documento final. Recaiu na pessoa do cardeal de Buenos Aires, **Jorge Mario Bergoglio**, junto com uma equipe de apoio.

Uma das virtudes do cardeal de Buenos Aires era e é a sua discrição, alheia a todo protagonismo, que se converteu em confiança e serenidade para toda a assembleia. Tudo foi feito de forma aberta, sem alterações ou acréscimos que não surgiram dos

grupos. Assim, surgiu uma liderança em que ele esteve à frente da referida comissão, imperceptível naquele momento, pois não foi divulgada ou publicamente reconhecida, mas que forjou uma referência obrigatória, serena e confiável naquele prelado, a quem devemos a unidade e clareza do *Documento Final*.

O retorno ao esquema tripartido típico da tradição latino-americana (ver, julgar e agir) facilitou o trabalho. Na continuidade das conferências anteriores, Aparecida enriqueceu o magistério latino-americano pela assunção da nova realidade social no início do novo milênio e pelos avanços na doutrina e na pastoral da Igreja universal no final do século XX e o início do século XXI.

MISSÃO CONTINENTAL

Assumia-se, no ver, a leitura da realidade a partir da condição crente dos discípulos missionários como uma unidade indissolúvel. Somos discípulos diante de mestres e missionários desde o início do nosso compromisso batismal. As sugestões e indicações metodológicas da comissão permitiram um avanço fluido e claro. Tudo isso tendo como pano de fundo os graves problemas de desigualdade e pobreza presentes no nosso continente.

As várias escolas ou tendências da teologia pastoral latino-americana se amalgamaram e se enriqueceram. Avançou-se em questões como a religiosidade ou a piedade popular, elevando-a à categoria de autêntica expressão de fé; o tema da ecologia foi desenvolvido de forma mais ampla, uma vez que nas conferências anteriores ele estava presente, mas foram temas um tanto marginais. A eclesiologia latente em

sintonia com a herança pós-conciliar abriu caminho para temas como a alegria de ser discípulos missionários, que se materializou na missão continental; o chamado geral à santidade como condição para todos os batizados; a formação integral nas experiências pessoais e grupais, o profundo sentido de comunhão na Igreja, sem particularismos. Tudo isso fazia parte do julgar, para levar ao agir, a vida de Jesus Cristo para os nossos povos.

A missão evangelizadora como primeira tarefa, mas a partir da promoção da dignidade humana, em que se destacam alguns traços da teologia do povo, de caráter mais urbano, devido à concentração da população em cidades e megacidades, em que o compromisso com a família, as pessoas e a vida, no contexto da realidade dilacerante em cada um dos nossos países, encorajou a pastoral integral da fé e do serviço como prioridade para os mais fracos e excluídos. E a questão da cultura dos nossos povos não poderia ficar de fora.

Todo o documento exala um espírito de diálogo e partilha. Sem condenações despropositadas, convictos de que o substrato cultural dos nossos povos tem uma riqueza que vem da primeira evangelização e que não deve ser desenraizado pela crescente secularização.

Quando comparamos Aparecida com a trajetória de Bergoglio, encontramos uma profunda sintonia com seu pensamento e ação. Desde o primeiro momento ele se tornou o promotor do que foi declarado no *Documento Final*. O seu sentido eclesial de comunhão enriqueceu-o com a reflexão e a práxis eclesial argentina.

Em casa e na Companhia de Jesus, Jorge Mario encontrou a sua vocação de discípulo missionário. A dura realidade dos primeiros anos do seu sacerdócio, marcados pelas ditaduras de seu país, temperou o seu espírito. O cardeal **Quarracino** sentiu que poderia encontrar nele um bom apoio e ajuda, escolhendo-o como assistente e, mais tarde, pedindo ao Papa São João Paulo II que o nomeasse coadjutor. Como resultado dos ataques de 11 de setembro, devido à ausência do cardeal de Nova York, ele teve que assumir a secretaria do Sínodo dos Bispos. O episcopado ali presente descobriu nele uma figura relevante e de transcendência para a Igreja. O pré-conclave após a

“NA PREPARAÇÃO DO SUCESSOR DE BENTO XVI, COM AS EXIGÊNCIAS DE PROFUNDAS REFORMAS, ELE FOI O ESCOLHIDO PARA CUMPRIR ESSA MISSÃO QUE DESEMPENHOU NESTA DÉCADA”

morte do papa polonês mostrou-o como um possível candidato a sucedê-lo na cadeira de **Pedro**. Ele voltou para a sua amada Buenos Aires. Aparecida catapultou-o diante dos seus pares latino-americanos. Na preparação do sucessor de Bento XVI, com as exigências de profundas reformas na Igreja, ele foi escolhido para cumprir essa missão, que é o que, em comunhão com seus eleitores, tem realizado nesta década.

Evangelii gaudium, a sua encíclica, retoma *Evangelii nuntiandi* e Aparecida, como ele mesmo assinalou, para dar como fruto suculento para o bem da Igreja e do mundo. É a sua tarefa, que todos nós, especialmente aqueles que compartilham a herança latino-americana, temos a obrigação de acompanhar e promover. ●

O cardeal Bergoglio durante a missa que presidiu em Aparecida



Sinodalidade com selo latino-americano e caribenho

O PRIMEIRO ENCONTRO ECLESIAL REUNIU VIRTUALMENTE OS PARTICIPANTES DA ASSEMBLEIA NO PASSADO DIA 30 DE MARÇO

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

O primeiro Encontro Eclesial da América Latina e do Caribe reuniu, virtualmente, em 30 de março de 2022, os participantes da Assembleia Eclesial (leigos, leigas, religiosos, religiosas, diáconos, sacerdotes, bispos e cardeais), que, como bem explicou **David Jasso**, vice-secretário do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (Celam), foi um prelúdio para as próximas reuniões regionais – quatro no total: México-América Central, Caribe, países andinos e Cone Sul – a serem realizadas em maio, também remotamente, para vincular o processo da Assembleia Eclesial com o atual Sínodo da Sinodalidade.

O evento consistiu em quatro momentos: oração, partilha, escuta e caminhada e, nas palavras de **Jorge Lozano**, secretário-geral do Celam e arcebispo de Cuyo (Argentina), foi “uma expressão dos vários carismas,

ministérios, serviços com os quais nos encontramos para continuar o processo da Assembleia Eclesial”, porque “a nossa identidade é ser o povo de Deus, que caminha na América Latina e no Caribe, encontrando-se com irmãos de outras partes do mundo”. Por sua vez, **Miguel Cabrejos**, presidente do Celam e arcebispo de Trujillo (Peru), lembrou os 41 desafios e as 200 orientações pastorais, produto da Assembleia Eclesial; por isso “há um caminho proposto, mas devemos apontar para uma pastoral de processos e não ficar apenas com o evento”.

À LUZ DE APARECIDA

O 15º aniversário da Conferência Episcopal de Aparecida (Brasil, 2007) foi outro motivo para a realização deste primeiro encontro eclesial. Isso foi mencionado pelo

Abaixo, monsenhor Miguel Cabrejos e monsenhor Jorge Lozano. À direita, Paola Calderón e pe. David Jasso



cardeal **Gregorio Rosa Chávez**, bispo auxiliar de San Salvador, no momento da escuta: “Passaram-se anos e, vendo a preparação de Aparecida, quem imaginaria que o cardeal **Jorge Mario Bergoglio** teria ali uma ocasião tão decisiva dirigindo a elaboração do *Documento Final*.” Sem dúvida, um marco que assinalou os destinos do seu atual pontificado e da Igreja latino-americana. Enquanto isso, Cabrejos destacou a contribuição da Igreja do continente com Aparecida: “É um exercício extraordinário de sinodalidade e é um avanço para o qual devemos continuar contribuindo.”

Jasso ressaltou que “estamos prestes a comemorar 15 anos de vida em Aparecida no mês de maio”; por isso, justifica que os quatro encontros regionais a serem realizados de 13 a 19 de maio busquem “ouvir com maior profundidade os membros das Assembleias de cada uma de suas regiões” e “compartilhar experiências em relação ao próprio contexto em que vivem” para “tornar nosso o fruto do discernimento à luz da Assembleia eclesial”. Neste caminho – diz o sacerdote mexicano –, o horizonte pastoral é um grande desafio, já que o Sínodo da Sinodalidade também nos exige uma participação plena. Portanto, “se a escuta é o método do processo sinodal e o discernimento é o objetivo, então a participação é o caminho”.

O CAMINHO SINODAL

Sobre a relação entre a Assembleia Eclesial e o Sínodo da Sinodalidade, **Mauricio López**, diretor do Centro de Programas e Redes de Ação Pastoral do Celam, colocou dois elementos. Em primeiro lugar, “eles fazem parte do mesmo caminho para uma Igreja mais inclusiva e aberta que o Papa Francisco pediu quando diz que a periferia ilumina o centro; acho que isso nos marcou um itinerário que vai de Aparecida ao Sínodo da Amazônia, ou seja, não são eventos isolados”. Em segundo lugar, da comissão do Sínodo de Roma asseguraram que “a Igreja latino-americana deu as contribuições mais significativas para este processo, por um lado, a Assembleia Eclesial já começou a dar frutos com os 41 desafios, que estão ainda sendo trabalhados e aprofundando. Tudo isso fará parte das experiências que podemos compartilhar com toda a Igreja universal”. Lozano insistiu na importância

da vocação à comunhão, exposta no *Documento de Aparecida*, número 156: “A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja”. Portanto, “não há discipulado sem comunhão”. O prelado pediu “para não cair na tentação tão presente na cultura de hoje de ser cristão sem a Igreja e as novas buscas espirituais individualistas”, para a qual sugere “não viver a espiritualidade à minha maneira, sem levar em conta os outros, vivendo uma espécie de isolamento ou intimismo na fé”. O caminho sinodal exige a participação de todos porque “a fé em Jesus Cristo chegou até nós através da comunidade eclesial”.

Os bispos do Celam anunciaram que criaram uma comissão para acompanhar o caminho desses encontros eclesiais, compreendendo as suas diferentes fases: escuta, fase plenária e fase de implementação, porque “muitas pessoas ainda estão interessadas em saber mais sobre a Assembleia Eclesial e seus frutos, dos desafios, de como relacionar o que vivemos com os nossos próprios processos pastorais e, mais ainda, em relação à fase diocesana do Sínodo da Sinodalidade”. ●

Estamos vivendo uma mudança de paradigma?

Em 2 de março de 2022, como preâmbulo das reuniões eclesiais, a Presidência do Celam assinou na sua totalidade uma carta intitulada *O caminho pastoral da Igreja na América Latina e no Caribe: A Assembleia Eclesial e o Sínodo sobre a Sinodalidade*. Com esta carta, os prelados estabeleceram o itinerário pastoral da Igreja no continente, com base na expressão “mudança de paradigma”, aludindo às várias realidades que mostram que “algo novo está nascendo”. A esse respeito, eles apontaram que “é legítimo nos perguntarmos se é um ‘evento-processo’ histórico para a Igreja. Estamos num ponto sem retorno? Encontraremos a resposta ao longo do tempo, de acordo com os passos dados pelas conferências episcopais do continente e outras instituições eclesiais.

Os bispos asseguram que “não há sobreposição entre a Assembleia Eclesial e o Sínodo”, de fato “ambos se complementam e se enriquecem”. Nesse sentido, é essencial “ter em mente, como contexto da Igreja Universal, o desenvolvimento da eclesiologia do Concílio Vaticano II. Para além de uma nova linguagem, o conteúdo da ‘sinodalidade’ marca a Igreja que se assume e se apresenta ao mundo como Povo de Deus enviado para anunciar Jesus Cristo Salvador da humanidade”. ●



Dom Vitor Manuel Fernández
ARCEBISPO DA ARQUIDIOCESE DE LA PLATA

Discípulos missionários

O grande eixo de Aparecida é “para que tenham vida”. O “para quê” indica o propósito, que é uma oferta de vida plena. A palavra “vida” aparece 631 vezes no documento e isso lhe dá um tom marcadamente positivo.

Esta vida é comunicada através de canais, que são os “discípulos missionários”. A ausência do “e” é uma originalidade de Aparecida, para mostrar que não são duas realidades justapostas, mas sim inseparáveis e entrelaçadas. Não se é discípulo sem ser missionário e não se é missionário sem ser discípulo.

No convite à missão queremos mostrar que uma vida digna e feliz não se realiza em isolamento individualista. Um dos grandes perigos dos tempos em que vivemos é que cada um se encerra no seu mundo privado. Desta forma, não é possível uma vida digna, nem solidariedade, nem amizade, nem preocupação com os pobres, nem o compromisso cidadão. O documento lembra que uma lei da vida é que ela cresce na medida em que comunica. Por isso é inevitável ser missionário.

A partir desta convicção queremos promover uma atividade missionária muito mais intensa, sobretudo para chegar aos que estão abandonados. Consiste em procurar uma maior proximidade com todos. Não se trata apenas de pregar. Um jornalista o fará particularmente buscando a verdade e promovendo valores, um político o fará buscando com sinceridade e sacrifício o bem comum, um professor o fará com a sua missão de ajudar os seus alunos a crescer. Mas

haverá sempre a tentativa de comunicar de alguma forma o primeiro anúncio: existe um Deus que te ama infinitamente, Cristo deu a vida por você e está vivo para compartilhar a sua jornada e a sua luta.

O documento é muito radical neste ponto da missão, porque pede que todas as estruturas da Igreja sejam reformadas para que sejam mais missionárias, que estejam mais ao serviço desta vida digna e plena do povo. Exige também que sejam abandonadas todas as estruturas ultrapassadas que não atendem a esse propósito. Este ponto foi claramente retomado e relançado por Francisco na *Evangelii gaudium*, embora tenha tido pouca resposta.

Mas só podemos oferecer um serviço missionário melhor se formos verdadeiramente discípulos de Jesus Cristo. Essa ênfase no discipulado dá outro tom ao trabalho missionário, outra cor que aumenta o seu apelo. Porque não é o mesmo alguém que proclama uma verdade acreditando que é dono da sabedoria, que aquele que se considera um discípulo humilde, neces-

sitado do Mestre, que aprende dele todos os dias, que precisa ouvi-lo novamente, imitá-lo de novo.

Ao mesmo tempo, o coração de um discípulo sabe que ele também precisa aprender com os outros. Por isso, estimula o diálogo com os diferentes, permite que os esquemas mudem, deixa-se enriquecer pelos outros. É assim que queremos enfatizar que somos todos discípulos (o Papa, os empresários, todas as donas de casa, etc.) e que somos sempre discípulos, até a morte. ●

**UM CORAÇÃO DE DISCÍPULO
SABE QUE TAMBÉM TEM QUE
APRENDER COM OS OUTROS.
POR ISSO, INCENTIVA O DIÁLOGO
COM OS DIFERENTES**

As crianças do rio Orinoco

REPAM VENEZUELA APOIA OS INDÍGENAS PEMON E YANOMAMI PARA DEFENDER OS SEUS DIREITOS

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

Ennymar Carolina Bello é secretária executiva da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) na Venezuela desde 2017. Uma leiga que vem das fileiras da pastoral juvenil no seu estado natal de Falcón, na costa caribenha venezuelana, cuja capital, Coro, é a diocese “mais antiga” do país. Apesar de toda essa caminhada “ter sido uma experiência maravilhosa”, ela teve que lidar –como todos os venezuelanos– com a crise atual. Para Bello, “havia uma peculiaridade: a Venezuela não era reconhecida como um país amazônico, apenas o estado do Amazonas”, quando “na verdade toda a região compreende o curso do rio Orinoco, que é o rio mãe do nosso país”, do Amazonas ao Delta Amacuro.

É assim que a equipe pastoral, ao longo deste período, optou por trabalhar com base na “qualidade e não na quantidade”, sobretudo em meio a circunstâncias tão complexas como a falta de gasolina, a crescente insegurança, pois “há áreas onde não se pode viajar depois das seis da tarde”. Sem dúvida, a pandemia da covid-19 estabeleceu novas diretrizes para a ação pastoral nas seis jurisdições eclesiais amazônicas, compostas por três vicariatos, duas dioceses e uma arquidiocese, porque graças ao trabalho sustentado da REPAM “conseguimos realizar um mapeamento que serviu de prelúdio às Assembleias pré-sinodais e a todo o trabalho em geral”. Até fevereiro de 2020 fizeram visitas aos territórios, o confinamento obrigatório os levou a várias formas de relacionamento, para o qual

encontraram uma tábua de salvação nas redes sociais: “No Facebook e Instagram começamos a realizar campanhas sobre o Documento Final do Sínodo, *Querida Amazônia*, e sobre a própria *Laudato si*”.

A FEBRE DO OURO

Ennymar desvenda uma situação de que a REPAM e organizações humanitárias sediadas na Venezuela são vítimas: a autocensura. Com efeito, o arco mineiro do Orinoco, no estado de Bolívar, numa anacrônica “febre do ouro”, apoia o governo “à custa da violação dos direitos humanos e da destruição do ecossistema”. Com este pesado pedaço de madeira, eles acompanham as comunidades da “forma mais discreta possível” para “proteger a sua própria integridade e a de quem colabora no território”. De fato, entre 2020 e

2022 eles publicaram apenas quatro comunicados para denunciar a violação dos direitos humanos contra os indígenas Pemon e Yanomami, correndo o risco, em algum momento, de poderem ser descritos como “vende-pátrias”. Ainda assim, esta leiga considera que “devemos ser flexíveis como as palmeiras, para virar com o vento que o Espírito Santo sopra”.

Outra das ações da equipe venezuelana está focada na formação. Eles têm duas turmas com mais de 200 participantes num curso sobre o Sínodo da Amazônia, além de outro sobre línguas indígenas. Ennymar, com uma coroa de penas Yanomami, continua resistindo com a esperança da sinodalidade, onde todos possam continuar a reconstruir o país que se despedaçou, porque bispos, vida religiosa e laicado se unem como filhos do rio Orinoco. ●



“DEVEMOS SER FLEXÍVEIS
PARA GIRAR COM O VENTO
QUE O ESPÍRITO SOPRA”



“O Sínodo pode ajudar as mulheres”

RUBÉN CRUZ

Ligia Elena Matamoros Bonilla é co-moderadora da Rede Latino-Americana e Caribenha de Religiões para a Paz e membro da Equipe de Pastoral Juvenil Latino-Americana e Caribenha. Como participante da Primeira Assembleia Eclesial, conversamos com ela sobre dois dos setores sociais sempre na boca de Francisco: os jovens e as mulheres..

O CELAM lançou a campanha ‘Mulheres Gestoras da Mudança’. Eles ainda são invisíveis na Igreja?

Mulheres sábias, corajosas, de grande coração, fé firme e grande disposição para servir aparecem nos textos bíblicos e ao longo da história da Igreja. A riqueza da sua contribuição foi e continua sendo enorme, só que às vezes parece que é desvalorizada ou desconhecida para muitos. Durante o Sínodo de 2018, os jovens afirmaram que “fazem falta maiores exemplos de liderança feminina dentro da Igreja”. Isso confirma que a contribuição e liderança das mulheres nem sempre foi adequadamente visível, crescendo como uma grande e maravilhosa floresta, mas em silêncio. É óbvia a necessidade de que existam oportunidades e espaços suficientes para que as mulheres desenvolvam as suas capacidades como parte dos espaços de decisão. Este pedido dos jovens é um desafio que deve ser enfrentado para caminhar em direção a uma Igreja sinodal.

A Assembleia Eclesial terminou, deixando como um dos 12 grandes desafios pastorais “promover a participação ativa das mulheres nos ministérios, nas instâncias de governo, no discernimento e na decisão eclesial”. O Sínodo da Sinodalidade ajudará?

O Sínodo da Sinodalidade é uma grande oportu-

nidade para nos ouvirmos nos diferentes espaços e níveis e também para fazer a experiência de caminhar juntos. Então sim, o Sínodo pode ajudar a avançar neste desafio, mas exigirá que, como Igreja, consigamos realizar uma reflexão profunda, façamos um esforço de nos aproximarmos dos diferentes rostos, valorizando a diversidade de dons e experiências e abramos nossos corações para que a riqueza das suas contribuições possa ser incorporada. Além disso, é vital que se opte por continuar caminhando em direção a uma Igreja mais sinodal.

Como o pontificado do Papa Francisco ajudou a tornar visíveis as mulheres e os jovens?

O seu pontificado foi um grande presente para a Igreja, especialmente para os jovens e as mulheres, em repetidas ocasiões ele se referiu a uns e a outras, enfatizando o importante papel que desempenhamos e a grande riqueza da contribuição que já estamos dando no mundo. A sua voz foi muito clara ao apontar a necessidade de criar mais e melhores espaços para a nossa participação dentro e fora da Igreja. Especificamente na América Latina, o Papa disse que mulheres, jovens e pobres são os três setores através dos quais é possível construir um projeto de futuro, que são protagonistas de mudanças e sujeitos de verdadeira esperança, que é necessário olhar para os seus rostos “se não quisermos nos perder num mar de palavras vazias”. A I Assembleia eclesial colocou os jovens como o primeiro desafio, que nos permite continuar a trabalhar, com alegria e esperança, na construção da civilização do amor. ●



Adalberto Martínez Flores

ARCEBISPO METROPOLITANO DA SANTÍSSIMA ASSUNÇÃO
E PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PARAGUAIA

Leigos em missão nas periferias

A Conferência Episcopal Paraguuaia declarou o ano 2022-23 como o Ano do Laicado. Embora dediquemos estes dois anos aos leigos, a nossa firme convicção é que o trabalho deve ser sustentado e aprofundado ao longo do tempo para colher os frutos traduzidos na profunda transformação do Paraguai, baseada na conversão e santidade de vida dos batizados, dos fiéis leigos, que atuam como fermento do Evangelho no coração da sociedade paraguaia.

O novo Paraguai que sonhamos só será possível com novos homens e mulheres, bons cidadãos, patriotas, que se joguem pela sua fé onde quer que tenham que atuar: na política, na economia, na educação, na cultura, no esporte, no mundo do trabalho e dos negócios e, sobretudo, na sua vida pessoal e familiar.

Quando o Papa **João Paulo II** visitou o Paraguai em 1988, ele disse: “Você não pode encurralar a Igreja nos templos, nem Deus nas consciências.” A força desta mensagem de Karol Wojtyła se projeta precisamente no ser, no trabalho e na missão dos leigos num contexto em que a Igreja é chamada a sair de si mesma para ir às periferias e anunciar a todos, sem exclusão, a alegria do Evangelho.

O Paraguai, majoritariamente católico, é um dos países mais desiguais do mundo. Os leigos são chamados a transformar as situações de pecado que oprimem o nosso povo: a corrupção, a desigualdade, a violência silenciosa da pobreza que exclui e descarta os mais fracos, crianças e idosos, indígenas e camponeses, jovens sem oportunidades nem horizonte para as suas vidas, famílias desfeitas, agressões ao meio ambiente, entre outros males que sofremos no Paraguai. Nestas e em outras tristes realidades participam os leigos, seja por ação ou omissão.


Pelo batismo, o leigo tem a responsabilidade direta de “transformação das realidades e para a criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho” (DAp 210). A sua missão é alcançar as periferias geográficas e existenciais com o Evan-

gelho. Sair dos limites geográficos da capela, da paróquia, da diocese, para chegar a quem está longe. Mas também deixando preconceitos e mesquinhez para chegar às periferias existenciais definidas pelo Santo Padre: as do mistério do pecado, as da dor, as da injustiça, as da ignorância e da prescindibilidade religiosa, as do pensamento, as de toda a miséria.

No Paraguai temos um laicado bastante ativo, seja nas paróquias, seja nas novas comunidades, seja nos movimentos apostólicos, seja nas diversas esferas da vida social. Muitos leigos em engajam pelos pobres e pelos descartados de nossa sociedade. A proposta é incentivá-los, acompanhá-los, articulá-los e fortalecê-los, trabalhando em rede.

O protagonismo dos leigos na evangelização é fundamental. Um leigo com sentido de pertença eclesial é, sem dúvida, um fator poderoso e eficaz para a transformação do Paraguai segundo o projeto de Deus. ●





Os ÚLTIMOS, OS PRIMEIROS

O cinema ressuscita os mártires da UCA

TEXTO: JOSÉ LUIS CELADA. FOTO: CAMILA TREJOS

Quase 33 anos após o assassinato dos mártires da UCA –seis jesuítas, uma mãe e sua filha–, a Companhia de Jesus e o povo salvadorenho ainda aguardam que a justiça seja feita. Agora, coincidindo com a reabertura do caso em El Salvador, **Imanol Uribe** estreou *Chegaram de Noite*: um exercício de memória e verdade através dos olhos de Lucía Barrera (a extraordinária **Juana Acosta**), funcionária de limpeza do campus que se tinha mudado para lá com a sua família, devido ao agravamento da guerra civil no país e que se tornaria a única testemunha do massacre que se atreveu a testemunhar. Ela desmantelaria a versão oficial (ela mesma podia ver que os autores eram membros do exército salvadorenho, não guerrilheiros da FMLN, como alegava o governo de **Alfredo Cristiani**).

O veterano cineasta espanhol resgatou da hemeroteca o evento ocorrido nas dependências da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas

(UCA), em San Salvador, na madrugada de 16 de novembro de 1989.

Nomes de destaque como **Ignacio Ellacuría (Karra Elejalde)**, vítima do massacre, ou **José María Tojeira (Carmelo Gómez)**, provincial jesuíta que presidiria ao funeral dos falecidos, quase não têm presença testemunhal aqui. Aquela mulher foi forçada a silenciar a verdade para continuar vivendo. A interessante e necessária carga de denúncia adquire maior valor, se isso se pode dizer, ao depositar o peso da reivindicação numa voz feminina, especialmente marginalizada no contexto em que a trama se desenrola.

Tal como os monges de Tibhirine com *Homens e Deuses* (2010), os jesuítas da UCA também já têm o seu filme. Uma homenagem digna e merecida ao que aqueles homens foram e representaram para o seu povo, e que faz Justiça através do olhar temeroso mas limpo de uma mulher. ●